

AMÉRICA LATINA, CULTURA E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE JOSÉ VERÍSSIMO

*Latin America, culture and education in José Veríssimo's Writings*Sônia Maria da Silva Araújo¹Telmo Renato da Silva Araújo²

RESUMO

O artigo aqui apresentado objetiva analisar como José Veríssimo articula cultura e educação em textos por ele publicados sobre a América Latina. Metodologicamente, relacionamos tais textos com outros escritos do autor e com as discussões sobre o destino expansionista manifesto na Doutrina Monroe. Essas discussões foram estabelecidas por pensadores importantes da hispano-américa do final do século XIX como o uruguaio Enrique Rodó e cubano José Martí. Os resultados indicam que as reflexões escritas por José Veríssimo sobre a América Latina reforçam a importância que atribuía à educação ao coloca-la como recurso de superação dos problemas sociais e políticos promovidos pelo legado colonial e pelo processo de consolidação das repúblicas liberais. **Palavras-chave:** José Veríssimo; América Latina; americanismo; educação; cultura.

ABSTRACT

The present paper aims to analyze how José Veríssimo articulates his understandings of culture and education in his writings on Latin America. Methodological procedures employed in the study include relating these texts to other writings by the same author as well as to discussions about the expansionist manifest of the American Monroe Doctrine. Those discussions were held by some important Latin-American thinkers in the late 19th century such as the Uruguayan Enrique Rodó and the Cuban José Martí. Findings indicate that José Veríssimo's reflections over Latin America reinforce the importance he assigned to education by conceiving it as a gateway to overcome social and political problems resulted from both the colonial legacy and the consolidation of liberal republican countries.

Keywords: José Veríssimo; Latin America; Americanism; education; culture.

¹ Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, com estágio de pós-doutorado concluído na Universidade de Coimbra. Professora Associada III da Universidade Federal do Pará. E-mail: ecosufpa@hotmail.com

² Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista. Professor efetivo da Universidade do Estado do Pará. E-mail: trsaraujo@hotmail.com

Resultado de um estudo específico sobre os escritos do brasileiro paraense José Veríssimo acerca da América Latina, este artigo tem como propósito responder à seguinte questão: como educação e cultura se articulam quando José Veríssimo se propõe a tratar da América Latina? Objetivamos, portanto, compreender o tratamento dado por Veríssimo ao tema da cultura e da educação em seus escritos sobre a América Latina. Metodologicamente, processamos o estudo em duas etapas. Primeiro, levantamos, do conjunto da produção do autor, os textos que tratam do tema América Latina. Depois, numa segunda etapa, fizemos o cotejamento das ideias contidas nessa produção com base em dois temas articulados – cultura e educação. À adjacência, para entender com mais propriedade as sínteses abstraídas do material objeto de compreensão, fizemos leituras de textos outros de José Veríssimo, assim como de uma literatura hispano-americana com a qual as ideias do autor se articulam. Em seguida apresentamos, na forma de quadro, os títulos que levantamos de textos publicados pelo autor sobre a América Latina com a indicação do impresso de publicação.

Quadro 1– Títulos de Textos de José Veríssimo sobre a América Latina, por impresso/publicação.

TÍTULO DO TEXTO	IMPRESSO/PUBLICAÇÃO
A regeneração da América Latina.	Livro “Homens e coisas estrangeiras”, 1902.
Letras argentinas.	Livro “Homens e coisas estrangeiras”, 1902.
Letras hispano-americanas.	Livro “Homens e coisas estrangeiras”, 1902.
Letras venezuelanas.	Livro “Homens e coisas estrangeiras”, 1902.
O perigo americano.	Livro “Homens e coisas estrangeiras”, 1902.
Um romance uruguaio.	Livro “Homens e coisas estrangeiras”, 1902.
Raça e cultura – latinos e germanos	Livro “Homens e coisas estrangeiras”, 1902.
Brasil e Estados Unidos.	Livro “A Educação Nacional”, 1906.
Perspectivas da América Latina.	Periódico “O imparcial”, 1912.
O caso do México.	Periódico “O Imparcial”, 1913.
As duas Américas.	Periódico “O Imparcial”, 1913.
Um romance argentino.	Periódico “O Imparcial”, 1913.
Estados Unidos e México, um grande atentado internacional.	Periódico “O Imparcial”, 1913.
Letras paraguaias.	Periódico “O Imparcial”, 1914.
América Latina e América Inglesa.	Periódico “O Imparcial”, Rio de Janeiro, 1914.
Miremo-nos no México.	Periódico “O Imparcial”, 1914.
Nós americanos e a Guerra.	Periódico “O Imparcial”, 1914.
O dever da América.	Periódico “O Imparcial”, 1914.
O monroísmo wilsoniano e a América Latina.	Periódico “O Imparcial”, 1914.
O Sr. Woodrow Wilson e o México, ou os inconvenientes da virtude.	Periódico “O Imparcial”, 1914.
Um estado da alma argentina.	Periódico “O Imparcial”, 1914.

José Veríssimo é um desses autores muito citados em estudos acadêmicos que tratam da educação nacional, da educação na primeira república, ou em pesquisas sobre teoria literária no Brasil, mas muito pouco compreendido na totalidade de seu pensamento, no conjunto de sua obra. Estudos realizados por nós têm apontado que compreender no plano pedagógico ou educacional este autor **só é possível mediante a recuperação** do conjunto de sua obra e da interpretação de sua biografia, buscando nos seus escritos pessoais de intelectual identificar como, no seu íntimo, percebia-se e entendia o seu povo no contexto de uma realidade política pós-colonial em que a liberdade coletiva de toda uma população se deu após longos anos de escravidão e expropriação. Na condição de representante de uma das regiões mais exploradas e aviltadas de seu país – o norte do Brasil³ – a necessidade do resgate dessa totalidade se faz ainda mais necessária.

Considerado por Sant’Anna (2003) um profeta⁴, José Veríssimo, que viveu entre os anos 1857-1916, e nasceu em Óbidos no Pará, publicou textos sobre a América do Norte e a América Latina numa demonstração cabal de que os trabalhos que realizou nos campos da Literatura e Educação tinham uma dimensão política profunda. Exatamente em 1906, ele já anunciava no texto “O perigo americano” o imperialismo dos EUA e as consequências de seu domínio econômico e cultural para a América Latina.

Barbosa (1986), estudioso do “José Veríssimo literário” reúne, sem a intenção de dar tratamento analítico, em um livro pouco citada pelos estudiosos do “José Veríssimo educador”, intitulada “José Veríssimo: cultura, literatura e política na América Latina”, os textos que encontrou do autor sobre o tema América Latina. Para ele, estas publicações de Veríssimo são uma evidência de que havia no Brasil, no período em que viveu o autor, uma intelectualidade que conhecia e não desprezava as condições históricas e literárias dos vizinhos hispano-americanos. Destaca Barbosa na introdução do livro a posição crítica de José Veríssimo sobre o sentido cultural da América Latina em contraposição ao imperialismo norte-americano, como já havia feito Pereira (1963) e Baggio (1998). Aliás, esta última ressalta os receios que tinha Veríssimo a respeito do domínio dos Estados Unidos sobre a América Latina.

Com base nos apontamentos dos estudos desses autores, e nas pesquisas que vimos realizando sobre cultura e educação na obra de José Veríssimo, não temos **dúvida** de que

³ Em 1621 a América portuguesa foi dividida em duas unidades autônomas – Estado do Maranhão e Estado do Brasil. A primeira abrangendo todo o território norte até a Capitania do Ceará, com sede no Maranhão. A segunda compreendendo parte do nordeste e todo o território sul, com sede em Salvador. Em 1737 o Estado do Maranhão passou a denominar-se Estado do Grão Pará e Maranhão, e a capital foi transferida para o Pará. Em 1755 é criada a capitania de São José do Rio Negro, separando, assim, parte do extremo norte da América portuguesa do Estado do Grão Pará e Maranhão. Em 1772 a Coroa Portuguesa divide o Estado do Pará e Maranhão em dois: Estado do Grão Pará e Rio Negro e Estado do Maranhão. Assim, reincorpora a Capitania de São José do Rio Negro ao Grão Pará e estabelece a cidade de Belém como sede do Estado. Com a independência em 1822 as capitanias do Estado tornam-se as províncias independentes do Grão-Pará e Rio Negro. Em 1823, com a Adesão do Pará à Independência, estas voltam a ser incorporadas ao império do Brasil como Província do Grão Pará, que é dividida em 1850 em duas: Província do Pará e Província do Amazonas. Por ocasião dos primeiros escritos de José Veríssimo a Província já havia vivido o Movimento Cabano e passava pelo primeiro ciclo econômico da borracha. Esses acontecimentos, aliados a um projeto de colonização extremamente predatório no norte, deixaram a Província em situação de penúria, com populações extremamente pobres e degradadas.

⁴ O autor faz esta afirmação com base nas análises de José Veríssimo sobre o sentimento imperialista dos Estados Unidos e na sua intenção em avassalar a América Latina. Tais reflexões são especificamente tratadas no artigo “O perigo americano”, publicado no livro “Homens e coisas estrangeiras”, em 1902.

suas reflexões sobre a América Latina nos oferecem indicativos para o aprofundamento da relação entre esses dois temas no autor, pois, como insinua Dias (2010), o posicionamento fortemente republicano e reformista no qual se reveste a defesa de Veríssimo em relação à educação está presente nos textos sobre a América Latina na medida em que ao tratar dos problemas do continente ele se reporta a uma certa visão sobre seu povo, suas condições materiais e mentais.

A América Latina e os ianques

Os textos publicados por José Veríssimo sobre a América Latina fazem em geral a relação deste continente com os Estados Unidos e com a Europa. Ao discutir problemas específicos do continente, ele sempre se reporta a esses dois grandes representantes da “cultura civilizada” e os coloca como referentes para a análise da situação latino-americana no final do século XIX e início do XX.

Para alguns dos críticos de José Veríssimo, que se refere ao povo americano como “os ianques”, sua análise sobre os Estados Unidos **é bastante ambígua; para outros**, ela demonstra simpatia pelos estadunidenses. De fato, Veríssimo, que ironicamente dirigiu o “Colégio Americano” em Belém, apresenta uma posição imparcial e nenhum pouco passional em relação aos Estados Unidos: reconhece as qualidades do povo americano, mas criticava a sua tentativa imperialista, que, em relação à América Latina, no plano político e cultural, já manifestava interesses assimétricos, isto é, de submissão e subjugação.

Imparcial, mas não ingênuo, José Veríssimo, em 1890, por ocasião da primeira publicação do livro *Educação Nacional*⁵, no capítulo VIII, intitulado “Brasil e Estados Unidos”, manifesta nas primeiras linhas: “Muito é o que havemos de aprender e mesmo a imitar dos Estados Unidos, mas que isto não nos induza a pormo-nos simplesmente a copiá-los” (1906, p. 175). Mais adiante, mesmo reconhecendo as qualidades americanas que nos deveriam inspirar, ele diz: “Sejamos brasileiros e não yankees” (Ibid., p. 177).

Em 1913, 23 anos depois da publicação da primeira edição de “A educação nacional”, José Veríssimo reconhece haver diferenças de percepção sobre os Estados Unidos entre brasileiros e hispano-americanos e, inclusive, elogiar o modo mais crítico e menos condescendentes destes últimos. Para ele, enquanto há por parte da intelectualidade brasileira uma confiança absoluta ou perfeita indiferença sobre o que fazem, querem ou pretendem os americanos, entre os intelectuais hispano-americanos há:

Uma preocupação muito visível, e não muito simpática, do que se passa nos Estados Unidos, principalmente em relação aos seus países, e mais, à parte latina do continente. E em livros e artigos, em conferências e discursos, na Europa ou na América, não se furtam, bem ao contrário, a dizer o seu pensamento que traduz sempre a escassa confiança dos hispano-americanos na cordialidade dos sentimentos e na lisura das intenções dos anglo-americanos a seu respeito (O Imperial, 18 de janeiro de 1913).

⁵ Esta obra, reconhecida por muitos como um marco no projeto republicano de educação no Brasil, escrita após a reforma de Benjamin Constant, trata de temas que passam a fazer parte dos críticos da instrução pública à época.

Entre o Brasil e os países hispano-americanos, Veríssimo demonstra conhecimento sobre nossas diferenças históricas e culturais ao dizer que:

A maior riqueza e civilização indígena dos dois vice-reinados do México e do Peru e ainda da capitania da Nova Granada criaram nessas vastas colônias sociedades a todos os respeitois mais consideráveis que a que principiava no Brasil. Baste dizer que ainda em antes de acabar o século XVI já o México tinha imprensa e publicava livros, o que não aconteceu no Brasil senão no século passado. No século XVII ali e no Peru já havia universidades. Neste século na do México se dedicaram umas teses do Padre Antônio Vieira, que disso se se desvanece numa das suas cartas. A vida pública, a vida política, a vida social, era muito mais intensa nessas colônias que na portuguesa. Não à toa era a sua metrópole desde meados do século XVI até acabar o século XVII a primeira nação do mundo, e do seu esplendor para o qual concorreram as colônias, alguma coisa se refletia nelas. Tanto a conquista como a independência da América espanhola abundam de rasgos épicos. Confrontada com esta a nossa pouco mais foi que um alvoroço sem maior importância (O Imperial, 25 de julho de 1914).⁶

Na perspectiva analítica de José Veríssimo os índios da colônia portuguesa na América não superaram o estado primitivo como ocorreu com os índios do México e do Peru, estes sim colonizados já em um processo avançado de “civilização”. Esta perspectiva de Veríssimo enquadra-se na ideia de constituição de sociedades complexas na América pré-colombiana, que desenvolveram cidades cosmopolitas e grandes capitais econômicos e religiosos como os Incas no altiplano peruano e os Astecas no México.

Ao tratar da América Latina no seu conjunto, a lucidez de Veríssimo espanta. Ele diz que para os estrangeiros não passamos de *rotos*, isto é, “verdadeiramente o imenso fundo das populações latino-americanas, em toda a parte na maioria analfabetos, miseráveis apesar da tão apregoada riqueza dos nossos países” (2003 [1902], p. 245). E logo em seguida, regido por representações evolucionistas sobre os povos do continente, considerando-os atrasados e fetichistas, só reconhece qualidades culturais em grupos humanos partícipes de uma classe – a estirpe ibérica e a dos intelectuais⁷. Especialmente tratando da qualidade cultural dos intelectuais hispano-americanos, ele ressalta o “elevado plano de boas maneiras e de boa educação” destes ao abordar temas complexos sem resvalar na polêmica mesquinha que via serem produzidas no Brasil e da qual inclusive foi vítima⁸. Mas José Veríssimo, de espírito inquieto e contraditório, que se debate entre o humanismo que lhe é intrínseco e a formação positiva e eugênica que o constituiu como intelectual, vai dizer:

⁶ Este artigo é uma análise crítica de Veríssimo ao livro de Oliveira Lima, intitulado “América Latina e América Inglesa” (1914).

⁷ Essas “representações evolucionistas” foram criadas a partir da constituição das identidades nacionais na América Latina onde os intelectuais formavam uma elite burocrática muito ligada ao Estado e suas obras se convertiam nos paradigmas do pensamento político. Os intelectuais desse período tentavam traçar uma identidade para o país. Para isto, subsidiavam suas ideias em visões de mundo europeias. O cosmopolitismo em detrimento ao provinciano era uma ação individual e devidamente manipulada. Influenciados pela tese do determinismo biológico do fim do século XIX e início do XX, os intelectuais que trabalhavam a construção da identidade nacional promoveram a difusão de ideias racistas, traçaram concepções depreciativas sobre o índio, o negro e, particularmente, o mestiço.

⁸ José Veríssimo foi vulgarmente criticado por Sylvio Romero em “Zeverissimações inéptas da crítica (repulsas e desabafos)”, publicado em 1909.

Tenho a fraternidade latino-americana, sinto-a intimamente; nunca, desde rapaz, participei do preconceito da minha gente, herdado do português e desenvolvido pelas nossas lutas no Rio da Prata, contra os povos espanhóis da América. Amo-os a todos e me revoltam as manifestações hostis a qualquer deles; mas não consigo ajeitar-me a ideia de que eles possam sair tão cedo da miséria econômica, social e moral em que, salvo uma ou outra raríssima exceção, vivem. A minha inteligência, quando pode alcançar no tempo, se recusa, malgrado meu, a vê-las diferentes do que são, ainda num futuro tão perto. E se são verdadeiras as chamadas leis biológicas de seleção natural, e fatais como as da astronomia ou da física – do que me permito, aliás duvidar –, esses povos não terão futuro próprio. Outro lho farão (Ibid., p. 248).

José Veríssimo se permite duvidar do determinismo biológico porque constata na produção literária e política dos americanos dos trópicos um sopro de competência percebida na resistência à degradação e no bom combate ao “perigo americano”. Ele diz: “a resistência até o desespero é própria dos povos no seu estado de civilização” e é essa resistência que Veríssimo identifica em *Nuestra América*, especialmente na literatura que considera brilhante do uruguaio Enrique Rodó e para quem Ariel haveria de proporcionar condições de se defender do “perigo americano” e mostrar no seu sentimento de raça toda a sua regeneração, a sua superioridade ideal em combater o novo inimigo “Próspero”.

A temática “o perigo americano” abordada por José Veríssimo, encontra-se em diversos escritos de intelectuais e poetas latino-americanos, principalmente os modernistas. Ela surge a partir do medo da constituição de um novo processo imperialista tendo em vista a hegemonia política e cultural norte-americana nas Américas. Destacam-se como grandes expoentes desses escritos o cubano José Martí (1853-1895) e o uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), já citado anteriormente.

Esses autores constituíram a primeira e mais contundente dissensão do pensamento positivista hegemônico no século XIX na América Latina e “diferentemente dos autores deterministas, para os quais o clima, a geografia e as raças constituíram-se como males latino-americanos, Martí e Rodó adulavam a índole natural do indivíduo, seu temperamento, caráter obtido anteriormente ao processo civilizatório” (WASSERMAN, 2006, p.3).⁹ A geração de intelectuais modernistas buscava outros paradigmas identitários em que a mestiçagem e a valorização cultural tornaram-se temas importantes para a construção de novas identidades nacionais e a constituição de uma identidade hispano-americana. José Veríssimo, junto a esses intelectuais e poetas, fez parte desta geração.

Segundo Oviedo (1991), José Martí foi um dos primeiros a chamar a atenção para o novo e sério perigo das ambições hegemônicas dos Estados Unidos na América. A obra “*Nuestra América*” de 1891 é um ardoroso manifesto político pela união da América

⁹ As conjecturas nacionais na América Latina, tendo em vista a hegemonia do positivismo, foram marcadas pela realização de projetos políticos em que as teorias raciais, vindas da Europa e recriadas na América Latina, se apresentavam como modelo para explicar o “atraso” dos países e a pobreza associada a negros e mestiços. Era o momento áureo do cientificismo europeu em que os “homens de ciência” buscavam responder às indagações sobre as diferenças entre os seres humanos. Surgem grandes teorias, como as de Charles Darwin, Herbert Spencer, Auguste Comte e Cesare Lombroso. A desvalorização da mestiçagem e o pessimismo positivista diante do devir latino americano marcaram os intelectuais positivistas influenciados por essas teorias como Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) no Brasil e Fernando Ortiz (1881-1969) em Cuba. Os modernistas latino-americanos da primeira metade do século XX criticam estes projetos, redimensionam a identidade nacional para os pressupostos culturais valorizando um suposto ser nacional – o mestiço.

Latina em defesa da sua identidade e dignidade frente à nação americana (MARTÍ, 2005 [1891]). Destaca o autor que ainda que o foco da preocupação de Martí fosse Cuba, “el marco és claramente continental: no habrá independencia cubana sin la solidariedad de las naciones hermanas, ní estás podrán sentirse siguras si aquélla no se logra” (OVIEDO, 1991, p. 39). Esta solidariedade tão veementemente defendida por Martí se confrontava com as ambições hegemônicas norte-americanas.

A expressão *Nuestra América*, que foi amplamente utilizada por pensadores da América Latina de língua espanhola, torna-se um marco com o ensaio “Nuestra América”, que foi publicado para demarcar uma identidade americana completamente diferente da América do Norte que àquele momento dá início ao seu imperialismo. Os ideais de liberdade de José Martí transformaram-no em mártir da independência cubana e em referência para o pensamento revolucionário na América Latina.

Em Martí, a “americanidade” encontrava-se na busca por um “marco continental” baseado na solidariedade das nações irmãs que foram exploradas no período colonial. O fortalecimento de uma identidade cubana junto a latino-americana fez parte de sua proposta política e cultural. Em seu pensamento este fortalecimento deveria constituir-se em “totalidade” (GOMÉZ, 1999). Como esclarece Gómez (1999), o antiamericanismo de Martí partia da crítica ao modelo de modernidade norte-americano – impulsionado pelo pragmatismo do capitalismo, contra a construção de projetos nacionais autônomos.

Martí criticava a imitação de modelos políticos e culturais afirmando que essa mania de imitar tinha origem na educação recebida pelos jovens da elite que viam o mundo com “óculos ianques ou franceses” e não de olhos abertos para a sua realidade nacional. Diante disto, propunha a amplitude do ensino da história da América.

Sobre essas questões levantadas por Martí, Wasserman (2006, p. 8) as compara com as do poeta e escritor uruguaio José Enrique Rodó quando destaca que este último também alertava para uma “nortemania”, isto é, imitar os Estados Unidos, constituindo semelhanças ao “arquétipo do norte”. Apesar das peculiaridades subjetivas no pensamento desses dois intelectuais, marcadas por conjunturas e contextos nacionais diferentes, “as críticas de ambos, dirigidas aos Estados Unidos, se transformaram em prédiadas de identidade e foram simultâneas aos discursos de valorização daquilo que era original e próprio dos povos uruguaio e cubanos” (Ibid.).

Rodó, em especial, defende um hispano-americanismo em oposição ao norte-americanismo. Sua grande obra “Ariel”, publicada em 1900, influenciou um grupo de intelectuais chamados de “arielistas”. Rodó metaforiza os personagens da obra teatral “A tempestade” de William Shakespeare, indicando um ideal de civilização na América. Na obra de Shakespeare, Ariel é “um espírito etéreo”, puro, celeste, elevado e sublime; Caliban é um escravo selvagem e deformado; Próspero é o legítimo Duque de Milão, um homem de saberes, de pouco apego às coisas materiais e que foi traído pelo irmão Antônio, o usurpador. No ensaio de Rodó, Ariel é uma estátua de um gênio, jovem, idealista e inteligente; Caliban é materialista, utilitarista e sem ideal; Próspero é um herói civilizador, um velho e venerado mestre (RODÓ, s.d [1900]). Diz Franco que Ariel é um texto esclarecedor, “[...] en esencia, es un discurso o lección profesoral sobre o

americanismo o sea indagación por el origen, realidad y destino de nuestra cultura frente a la herencia europea y la hegeminia norteamericana” (FRANCO, 1991, p. 48).

Segundo Santos (2003), a difusão do “arielismo” acompanhou de perto a onda de pensamento nacionalista que se estendeu pelo continente nas primeiras décadas do século XIX. Tanto o pensamento “arielista” quanto o nacionalista tinham como ponto convergente o projeto “regeneracionista” que apresentava como instrumento comum de defesa um modelo de educação que estimulasse o sentimento nacional e a recuperação da memória pátria.

A americanidade nos “arielistas” se pautava no princípio de regeneração nacional (em contraposição ao exotismo), que criticava: o naturalismo eurocêntrico, pautado na ideia do exotismo cultural dos povos da América; o americanismo, que defendia o imperialismo norte-americano nas Américas; e a construção do “mundonovismo”, que consiste na construção de uma América unida pela história e pela cultura (FRANCO, 1991).

Pontua Oviedo (1991, p. 48) que “*Ariel* es el espíritu alado que simboliza la libertad y todo lo que es elevado y bello, al que se opone *Calibán*, encarnación de los impulsos egoístas y materialista del hombre”. Neste sentido, “Ariel” simbolizava a América Latina, enquanto que “Calibán” simbolizava os Estados Unidos. A força de “Ariel” difundido pelo pensamento de Rodó chega até Veríssimo quando valoriza seu ideal libertário, identificando neste um devir latino-americano de manutenção da liberdade e da soberania nacional.

Para Cairo (2008), pesquisador da questão da americanidade entre os intelectuais brasileiros do século XIX, especialmente entre os partícipes da Geração de 1870¹⁰, José Veríssimo é um autor que **não encampa** cegamente o americanismo na **América Latina e que** defendia a necessidade de nossa aproximação cultural e política das nações hispano-americanas, mas com as devidas ressalvas. Ao se reportar especificamente ao texto “A regeneração americana”, de 1902, ele diz que “com uma lucidez que nos confunde e nos leva a pensar que o texto tivesse sido escrito hoje” (CAIRO, 2008, p.3), José Veríssimo coloca em suspeição o domínio americano sobre a América Latina ao tempo em que defende a necessidade de um conhecimento maior do Brasil sobre a cultura dos povos hispano-americanos.

Cultura e Educação

Crítico literário que acumulou experiências junto às populações mais desprovidas de condições materiais e educacionais dignas do Brasil – as populações miscigenadas do Pará –, José Veríssimo entende a cultura associada à ideia evolucionista da raça, mas entendendo que a primeira – a cultura – exerce a obra particular de atenuar, apagar as distinções etnografias da humanidade, isto é, a raça. Para ele, as raças passam por processos históricos que vão modificando os grupos humanos positiva ou negativamente. No caso particular da colonização portuguesa no Brasil, ele defende, por exemplo, que as representações de mundo, modo de viver e pensar do português foram altamente negativos na formação do povo brasileiro e aponta o escravismo como uma dessas práticas

¹⁰ Sobre a Geração de 1870, cf. Ventura (1991).

promotoras da degradação racial. Por conta desta visão, ele atribui à educação grande importância no processo de transformação das raças, além da miscigenação.

Mas Veríssimo não está falando de qualquer educação. Como bom pós-colonial que é, **situado** nas condições materiais e políticas de seu país, ele defende uma educação que seja capaz de melhorar a raça em direção ao fortalecimento de sua nação. Para tanto, seria necessário, no caso particular do Brasil, um projeto de educação nacional republicano que promovesse uma unidade de formação em todos os brasileiros.

Essa ideia de cultura como um processo histórico que paulatinamente transforma está presente no artigo “Raça e cultura – latinos e germanos”, quando o autor examina a “controvertida questão da raça a propósito das características da latina e da germânica ou anglo-saxônica, comparativamente” (VERÍSSIMO, 2003 [1902], p. 563). Sua preocupação reside principalmente em se contrapor à ideia de superioridade entre raças, de modo a não reforçar o preconceito. Ele diz ao criticar a ideia de superioridade da raça latina em relação à germânica, que:

Essas gentes, ou, se preferem um singular coletivo, essa gente destaca-se da germânica não como um produto ou uma combinação etnográfica nova e diferente, mas como um resultado de cultura, dando-se a esta palavra todo o seu sentido geral e particular (VERÍSSIMO, 2003 [1902], p. 566).

Mais adiante, completa: “há na história um fator mais importante do que a raça: a cultura” (ibid., p. 567). O que Veríssimo quer dizer é que:

não são, pois, qualidades particulares de raça, modos biológicos de ser, feições etnográficas, que distinguem e assinalam a raça indevidamente chamada de latina, senão a longa cultura, começada meio século antes de cristo e continuada por longos séculos depois (Ibid., p. 569).

Arremata em seguida:

Parece-me incontestável que as diferenças que distinguem latinos e germanos se vão cada vez mais atenuando e que o resultado último da evolução, do progresso, é o caso de dizer, humano, será a modificação, virtual ao menos, dos povos do Ocidente, numa gente que seja cada vez mais difícil distinguir as particularidades que hoje ainda a separam em grupos distintos (ibid., p. 569).

Não nos esqueçamos de que José Veríssimo faz tais reflexões 27 anos depois da publicação do texto “As raças cruzadas do Pará” do livro “Primeiras páginas”, publicado em 1878, posteriormente reeditado, em 1887, com o título “As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes”, em que afirma:

A América é o vastíssimo cadinho em que se fundem hoje as diversas raças e gentes do globo. Porventura sua missão histórica é dar, servindo de campo para o cruzamento de todas ellas, **unidade étnica à humanidade**, e, portanto, nova fase às sociedades que hão de viver no futuro (VERÍSSIMO, 1887, p. 295, *grifo nosso*).

Essa unidade será posteriormente revista por Veríssimo. Nota-se em seus escritos publicado n’O Imperial, quando já da sua estada na capital da República, o Rio de Janeiro, particularmente nos artigos em que trata da relação e diferenças entre os Estados Unidos e México, o quanto distingue as raças americanas (do norte, do sul e do centro), identificando em cada uma traços culturais que vão incidir sobre suas virtudes política, moral e intelectual. Nesse particular, ele é enfático, nos quatro artigos publicados sobre o tema¹¹, mais em especial no artigo “O caso do México” (O Imparcial, 13 de setembro de 1913), em dizer que os 35 anos de ditadura no México, contrariando o espírito de insubordinação, indisciplina e revolta próprio dos hispano-americanos, fora estéril para o que mais importava ao progresso do país: “a educação cívica do povo, a sua instrução, a melhoria das suas lastimáveis condições materiais e mentais” (Ibid.). Alimentando a base história de constituição do caráter, da moral e do intelecto das raças ao apresentar tais interpretações da história mexicana naquele período, José Veríssimo ratifica suas ligações entre raça, cultura e educação, atribuindo a esta última um lugar de destaque na formação dos povos latino-americanos ao dizer que mirando-nos no espelho do México aprendemos a importância da educação no curso da formação cultural em direção à civilização, além da constituição, no plano econômico, de uma classe média. É interessante ainda notar que em meio a tais interpretações, Veríssimo discute o latifúndio no México, a concentração da propriedade de terra, que ele diz ser análogo ao feudalismo europeu do século XVI.

Ao abordar os problemas políticos mexicanos, e a degradação moral e econômica a que estava sujeito seu povo, ele questiona, no artigo “Miremo-nos no México” (O Imparcial, 1º de fevereiro de 1914), numa referência explícita a nós mesmo:

Não conhecem os senhores outro [país] em que a Constituição, Eleitorado, Congresso, Povo são, como no México, apenas “luzidos palavrões”? Não sabem de um em que também se manda pedir aos governadores os votos precisos para arranjar um presidente e onde os governadores asseguram ao governo federal que pode contar centenas de milhares redondos deles? Não lhes é familiar a corrupção administrativa e política de certa terra muito nossa conhecida, a invasão de homens de negócio corruptores, o domínio na política nacional de elementos estrangeiros? (Ibid.)

Os artigos intitulados “Estados Unidos e México, um grande atentado internacional”, “O sr. Woodrow Wilson e o México, ou os inconvenientes da virtude” e “Monroísmo wilsoniano e a América Latina”, todos publicados entre 1913-1914, praticamente dois anos antes da morte de José Veríssimo, ainda que se dediquem a tratar especialmente da contenda entre o Presidente Woodrow Wilson, dos Estados Unidos, e o General Huerta, Presidente do México, nos ajudam a pensar não só sobre um deslocamento político de posição de Veríssimo em relação à Doutrina Monroe, que vinha criticando em textos anteriores, mas a constatar o reforço da ideia base do darwinismo social tão sinuosamente presente no seu pensamento racial: os mais fortes dominam os mais fracos. Ele diz, ao refletir sobre as interferências dos Estados Unidos no governo mexicano:

¹¹ Ainda que o tema “México” apareça de um modo geral nos textos sobre a América Latina, agrupamos como textos específicos sobre o México quatro artigos: “Estados Unidos e México, um grande atentado internacional” (1913); “Miremo-nos no México” (1914); “O caso do México” (1913); “O Sr. Woodrow Wilson e o México, ou os inconvenientes da virtude” (1913).

Tem feito mais progresso a ideia imperialista e o princípio apregoado pela gente de estirpe germânica de que os povos incapazes de aproveitarem a terra que lhe coube em sorte devem ceder o passo aos mais capazes de a aproveitarem em bem da humanidade, que ninguém, parece, tem mais a antiga fé na intangibilidade da soberania desses povos, ainda quando constituem nações independentes (O Imparcial, 6 de novembro de 1913).

Mais adiante, ambigüamente, o autor se mostra indignado com as interferências americanas quando diz que estes “se metem no que há de mais íntimo na vida de uma nação, a escolha de seu chefe” (Ibid.). Numa postura que tenta ser imparcial, ele chega a reconhecer que o México é indefensável, e que até mereceu toda a afronta de seu vizinho, e que a “desgraçada situação da ordem moral e política da maioria dessas nações [latino-americanas], situação que acabou por privá-las do direito ao respeito público universal” (Ibid.) pode até explicar posturas de indignação, manifestos, mas não intervenção que chegue às raias de um atentado internacional como o que estava ocorrendo entre Estados Unidos e México.

Fundamentada nos discursos do presidente americano James Monroe (1758-1831), em meados de 1823, que afirma não ser mais admissível que o continente americano seja submetido à colonização de nenhuma potência europeia, resumido na frase “América para os americanos”, a doutrina permitiu um “destino manifesto”: que os Estados Unidos expandissem suas fronteiras, operando enfim um processo de colonização interno ao continente. Chamada de monroísmo, a doutrina fez parte do chamado Pan-Americanismo, um movimento político e ideológico que pregava a “solidariedade continental” a fim de manter a paz nas Américas, preservar a independência dos Estados americanos e estimular seu inter-relacionamento. A rigor, a intenção dos norte-americanos era: 1) preservar a sua própria segurança; 2) impulsionar projetos territoriais expansionistas; 3) garantir um comércio com os países independentes.

Conforme Moura (1990), o chamado “destino manifesto” foi uma expressão jornalística rapidamente popularizada e que via a expansão territorial americana como um processo ilimitado, promovido pela opinião pública, sob o respaldo de justificativas religiosas, culturais, políticas e econômicas. Todo esse movimento resultou entre os anos de 1846-1865 na guerra expansionista para a conquista de territórios mexicanos pelos Estados Unidos – Arizona, Novo México e Califórnia.

A crença na excepcionalidade americana, segundo Moura (1990), decorre de uma tradição religiosa (puritana), que realça a realização da virtude individual; e da tradição republicana, que fundava as instituições políticas na ação e na vontade enérgica de homens livres. Essas tradições associadas à independência da Inglaterra promoveu entre os dirigentes americanos a afirmação da sua singularidade absoluta. Ainda conforme esse autor, “tão impressionante quanto a expansão e rapidez da expansão norte-americana foi o rol de racionalizações que se criou para explicar e justificar a expansão, boa parte delas fundadas em motivos de ordem e moral” (MOURA, 1990, p. 15).

A noção de “civilização” foi particularmente importante nessa construção. De modo geral identificada com os valores do cristianismo protestante, com a economia capitalista, com o conhecimento técnico-científico e a estabilidade política, o norteamericanismo cedo

se erigiu como em modelo de civilização e parâmetro para o conjunto do continente. Além desse imaginário construído, os Estados Unidos promoveram uma autoimagem positiva associada à democracia e à ideia de que “outros povos seriam igualmente civilizados e prósperos se adotassem o modelo democrático norte-americano” (MOURA, 1990, p. 17).

Esta ideia, todavia, foi rejeitada por uma intelectualidade crítica da hispano-américa que refutando *a priori* o destino americano, não conseguia fazer a crítica de si mesma. Veríssimo, ao contrário destes, regido pela imparcialidade, entendia que a coletividade latino-americana, especialmente a do México, estava mergulhada em um estado tamanho de pobreza e ignorância, de “malquerenças tradicionais de raça”, que talvez até fosse interessante que os mandamentos do monroísmo vingassem no continente. Ele destaca que no México, desde 1910 lavra “a destruição, o incêndio, o morticínio, a depredação, o terror e o horror de uma luta fratricida num povo barbarizado por 30 anos de ditadura e uma existência tão miserável como a do servo da gleba da Idade Média” (O Imparcial, 6 de junho de 1914). Diante disso, manifesta: “aprendamos que a educação dos regimes liberais só se faz respeitando escrupulosamente esses regimes. Não se ensina uma criança a andar ligando-lhes as pernas” (O Imperial, 13 de setembro de 1913).

Toda essa crítica sobre governo e governados na América Latina se expande para o campo da reflexão da obra literária latino-americana. E, mesmo reconhecendo que há ainda muita imitação na narrativa do continente, mas também, e na mesma intensidade, muita qualidade e originalidade, ressalta o absoluto desconhecimento do Brasil da produção literária hispano-americana. Dos textos em que trata dessa produção literária, portanto, cultural, destacamos: “Letras argentinas” (2003 [1902], p. 491-501), “Letras hispano-americanas” (2003 [1902], p.469-478), “Letras paraguaias” (O Imparcial”, 2 de maio de 1914), “Letras venezuelanas” (2003 [1902], p. 589-594), “Um estado da alma argentina” (O Imparcial”, 16 de maio de 1914), “Um romance argentino” (O Imparcial”, 29 de março de 1913) , “Um romance uruguaio” (2003 [1902], p. 235-244).

A literatura, para Veríssimo, manifestação mais elevada do espírito de um povo é, numa segunda perspectiva de interpretação do autor, para além dos traços etnográficos, cultura. Como explica Barbosa:

Entre cultura e literatura, para a espécie de crítica praticada por José Veríssimo, a distinção quase não existe: como se pode ver, as reflexões de ordem cultural partem sempre da leitura de livros específicos e, por outro lado, as reflexões sobre obras de criação literária levam sempre a indagações culturais mais amplas (1986, p. 13).

Ao tratar da produção literária hispano-americana, Veríssimo problematiza os valores culturais específicos de seus autores e, por extensão, de toda a complexa formação humana do continente. Em quase todos os artigos sobre literatura faz questão de frisar sua qualidade e afinidades. Ele diz, em “Letras hispano-americanas”:

Há um aspecto dessas literaturas pelo qual nos podem elas tocar, ou sequer merecer curiosidade. É como expressão estética e sentimental de povos que pela vizinhança no mesmo continente, pela semelhança de origens históricas, de desenvolvimento social, de evolução e hoje até de instituições políticas nos são afins (2003 [1902], p.470).

Letras a frente ele defende que uma certa consciência continental americana há de vingar entre nós latino-americanos na medida em que o intercâmbio cultural, o conhecimento do espírito, da inteligência, do sentimento e do saber, ocorrer entre nós de modo que “a mesma vibração ou emoção de arte posta em nós pelas obras dos nossos irmãos do mesmo continente e, pode dizer-se, da mesma raça” (Ibid.) nos atingir.

Tal ideia é reforçada nos artigos “Letras argentinas”, “Letras paraguaias” e “Letras venezuelanas”. Nestes, nosso autor faz questão de destacar que na hispano-américa a fundação de universidades, imprensa, ensino secundário ocorreu bem antes de nós e que isto, inclusive, talvez justifique a produção tão qualificada de seus livros. Sobre Buenos Aires, ele diz que lá: “as artes gráficas, nas quais eles incontestavelmente nos excederam de muito, o bem feito dessas publicações e dos seus livros, deu aos seus produtos literários uma apresentação que muito os fazia valer” (2003 [1902], p. 494). Mais adiante completa: “o livro argentino tem sempre o aspecto de um livro; o nosso, salvo algum impresso estrangeiro, tem por via de regra o feitio de um relatório, como os faz a nossa Tipografia Nacional” (Ibid., p. 494-95).

Também ressalta Veríssimo, como já indicamos, o desconhecimento do Brasil acerca da produção literária hispano-americana que, inclusive, acaba por promover em nós a arrogância de acreditar que somos a “primeira civilização intelectual da América Latina”. Trata-se, diz o autor, de:

Opinião deplorável, primeiro porque é uma simples presunção que se não baseia em conhecimento da cultura da América Latina e de suas literaturas, por nós quase inteiramente ignoradas; segundo, porque, com toda a presunção, desvanecendo-nos, suprime o estímulo que poderíamos tirar de um conhecimento exato da intelectualidade latino-americana (O Imparcial, 29 de março de 1913).

Em “Letras venezuelas”, Veríssimo ressalta que em particular na Venezuela, mesmo com as agitações da conquista e estabelecimento dos espanhóis, as lutas de independência política e infinitas lutas civis fizeram vingar ali romancistas, poetas e publicistas.

Pedagogicamente, tais produções, segundo Veríssimo, promovem o desenvolvimento mental das populações latino-americanas ao tempo em que registram a sua memória, já que revelam a sua história passada, o seu imaginário coletivo, além de expressar a própria alma da sua terra e da sua gente. A certa altura do artigo “Um romance uruguaio”, ele diz:

Toda literatura, sendo a expressão mais geral e mais segura do sentimento de um povo, tem forçosamente, não obstante a universalização dos sentimentos e das concepções humanas, uma forte parte de cada um dos lineamentos, cujo conjunto e traveção e feição particular de cada povo (2003 [1902], p. 237).

A formação de uma literatura nacional como regeneração mental foi um ideal compartilhado por variados intelectuais na América latina do século XIX. Neste ideal se constitui a afirmação de Veríssimo quando observa na literatura latino-americana uma autonomia ensaísta, em que a literatura marca profundamente a “expressão” de um povo, de uma nação, de um continente.

Considerações finais

Para além de uma discussão dos conflitos internos do continente – a Guerra do Paraguai, a Revolução Mexicana, só para citar alguns –, e da crítica à sua produção literária, a América Latina é especialmente abordada por José Veríssimo sob a defesa da necessidade de o Brasil se pensar como país latino-americano e, nesse sentido, traça severas críticas a sua geração intelectual por considerá-la demasiadamente ianque e eurocêntrica.

Na condição de crítico literário e educador, ele destaca, não raro, o quanto uma aproximação maior com a produção intelectual hispano-americana nos ajudaria a pensar melhor sobre nossos problemas culturais mais amplos, especialmente o colonialismo intelectual, as heranças do racismo e o imperialismo norte-americano que despontava. O realismo presente na “*Nuestra America*” de José Veríssimo, para além de “seus males de origem” e da “desilusão americana”, se dá na perspectiva de sua regeneração, numa clara alusão à ideia de que, se há degenerescência no povo latino-americano esta foi produzida por um Ocidente que insistimos em imitar, copiar, sem nenhuma crítica. A educação aparece então como instrumental capaz de promover tal regeneração, mas, para isto, seria preciso reconhecer os problemas que os ‘estrangeirismos’ ainda produziam em nós, nos nossos sistemas político e cultural.

Alinhado a autores do porte de José Enrique Rodó, a defesa por uma aproximação com a América Latina, veementemente defendida quando já da presença de José Veríssimo na capital da república, traz de volta as experiências amazônicas registradas por ele em seus contos. É como se no pensamento latino-americano José Veríssimo encontrasse muito mais respostas e soluções aos problemas de nossa jovem república – que ele começa a pensar quando se dá conta da pobreza e degradação humana a que estavam sujeitas as populações miscigenadas do interior da Amazônia brasileira – do que no dos estrangeiros que tanto reproduzíamos. Nesta direção, aproxima-se o autor, de caráter profundamente pacífico, dos ideais revolucionários de José Martí, para quem a luta por uma verdadeira libertação latino-americana passava necessariamente pelo reconhecimento de nossa diferença e emancipação política e cultural, que se fortaleceria com a solidariedade e cumplicidade de uma América Latina unida, inteligente e fecunda.

Referências

- BAGGIO, Kátia Gerab. José Veríssimo: uma visão brasileira sobre as Américas. *III Encontro ANPHLAC*. Disponível em: anphlac.org/upload/anais/encontro3/katia_jose_verissimo.pdf Acesso: 13 de fev. 2013.
- BARBOSA, João Alexandre. *José Veríssimo: cultura, literatura e política na América Latina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- CAIRO, Luiz Roberto Velloso. José Veríssimo e o instinto de americanidade da literatura brasileira. *XI Congresso Internacional da ABRALIC*. São Paulo, 2008. Disponível em: www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/ Acesso: 09 de fev. 2013.

DIAS, Natally Vieira. Oliveira Viana e José Veríssimo: visões da revolução mexicana na imprensa brasileira (1910-1914). *9º Encontro Internacional da ANPHLAC*. Disponível em: anphlac.org/upload/anais/encontro9/natally_vieira_dias.pdf Acesso: 13 de fev. 2013.

FRANCO, Jean. *La cultura moderna en América Latina*. México: Grijalbo, 1985.

GÓMEZ, Enrique Ubieta. José Martí y el proyecto emancipador cubano. In: MAGALLÓN, Mario; ZEA, Leopoldo. *Latinoamérica cultura de culturas*. México: Tierra Firme, 1999.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. República Bolivariana da Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2005 [1891]. Disponível em: http://www.infocentro.gob.ve/_galeria/archivo/2/documento_698_Nuestra_America.pdf Acesso em: 16 de jun 2010.

MOURA, Gerson. *Estados Unidos e a América Latina: as relações políticas no século XX; xerifes e cowboys; um povo eleito e o continente selvagem*. São Paulo: Contexto, 1990.

OVIEDO, José Miguel. *Breve história del ensayo hispanoamericano*. Madri: Alianza, 1991.

PEREIRA, Astrojildo. José Veríssimo sem ilusão americana. In: *Crítica impura: autores e problemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. pp. 82-88.

RODÓ, José Enrique. *Ariel/Motivos de proteo*. República Bolivariana da Venezuela: Biblioteca Ayacucho, s.d [1891]. Disponível em: http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&tt_products=3 Acesso em: 9 de jan 2010.

ROMERO, Sylvio. *Zéveríssimas inéptas da crítica (repulsas e desabafos)*. Porto: Oficinas do Commercio do Povo, 1909.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Veríssimo, o profeta. *O Globo*, Caderno Prosa & Verso, Rio de Janeiro, 23/11/2003. Disponível em: http://www.topbooks.com.br/frMateria_GL_231103.htm Acesso em: 09 de fev. 2013.

SANTOS, Fabio Muruci dos. A querela dos heróis: liderança política e ethos americano em Oliveira Lima e José Enrique Rodó. In: *História*. Franca-SP, v.22, n° 2, 2003.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. Raças cruzadas do Pará. In: *Primeiras páginas: viagens ao sertão, quadros paraenses e estudos*. Belém: Typografia Guttemberg, 1878.

_____. As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes. In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1887. p. 295-390.

_____. *A educação nacional*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906. p. 175-202.

_____. *Homens e coisas estrangeiras – 1899-1908*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003 [1902].

_____. As duas Américas. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1913.

_____. América Latina e América Inglesa. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1914.

_____. O caso do México. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1913.

_____. Estados Unidos e México, um grande atentado internacional. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1913.

_____. Miremo-nos no México. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1914.

_____. O monroísmo wilsoniano e a América Latina. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 6 de junho de 1914.

_____. Letras paraguaias. *O Imparcial*, 2 de maio de 1914.

_____. Um estado da alma argentina. *O Imparcial*, 16 de maio de 1914.

_____. Um romance argentino. *O Imparcial*, 29 de março de 1913.

_____. O dever da América. *O imparcial*, 6 de novembro de 1914.

WASSERMAN, Claudia. Percussões intelectuais latino-americanos: “Nuestra América” de José Martí, e “Ariel” de José Enrique Rodó – as condições de produção e o processo de repercussão do pensamento identitário. *Revista Intellectus*, ano 5, v. I, 2006.

Recebido em novembro de 2013

Aprovado em fevereiro de 2014